

MINHA ESCOLA, MEU ESPAÇO: UMA ATIVIDADE CARTOGRÁFICA DE PERTENCIMENTO ESPACIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

RAFAEL AIRES PIZZUTTI¹; GABRIELA OLIVEIRA PEREIRA²; DOMITILA THEIL RADTKE³; GABRIELA DAMBRÓS⁴:

¹ Universidade Federal de Pelotas – rafaelairp3@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – gabigeoufpel@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – domitilatr@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – gabydambros@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho descreve a atividade “Minha Escola, Meu Espaço”, realizada por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Núcleo Geografia da UFPel (Universidade Federal de Pelotas), aplicada nas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Antônio, localizada na zona norte de Pelotas-RS, na região administrativas das Três Vendas. A proposta foi de construção de um mapa de cada turma, com base em fotografias dos bairros onde moram, registradas pelos próprios alunos. A atividade visou trabalhar a cartografia escolar com os estudantes, promovendo a leitura espacial das relações entre sua morada, escola e comunidade, com o intuito de construir pertencimento espacial. O uso de mapas e registros visuais aproxima o aluno da representação cartográfica como ferramenta de análise e compreensão do espaço.

CALLAI (2023) defende que a Cartografia vai para além de um meio de ensinar os conteúdos da Geografia, por também situar o lugar do aluno no mundo. Além de ensinar a leitura de mapas, a Cartografia Escolar se configura como linguagem pedagógica e social que conecta diretamente o aluno ao espaço estudado. A autora ainda defende, a partir de suas experiências com atlas, que atividades cartográficas de regiões administrativas e bairros já conhecidos pelo aluno, o desafia “a além de conhecer o lugar em que vive, a questionar e pensar sobre o que existe no lugar, e argumentar acerca da vida ali vivida” (CALLAI, 2023, p. 7).

E também defendem MENEZES e PEREIRA (2019), inspirados pela Geografia libertária de LACOSTE (1988), que o ensino da linguagem cartográfica contribui para a autonomia do aluno com seu espaço. Ensinar Geografia é ensinar sobre o espaço para o aluno nele atuar.

A proposta pedagógica aqui relatada, ao solicitar que os alunos mapeiem pessoalmente seus bairros e compartilhem imagens cotidianas, converge com essas concepções. Os alunos se tornam protagonistas na leitura e produção cartográfica de seu espaço vivido.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades foram realizadas em diferentes datas de março de 2025 e com diferentes turmas de oitavo ano da escola: 81, 82 e 83. Aqui, há enfoque nas experiências e resultados percebidos em relação à aplicação nas turmas 82 e 83.

Previamente, antes do dia da aplicação das atividades, foi solicitado aos alunos que registrassem fotos de, ou seus bairros, a partir de seus pontos de

vista, ou de suas famílias, ou de locais próximos que eles gostam de ir e conviver. As fotos foram impressas com antecedência pelos professores. No dia da atividade, desenvolvida em dois períodos, a indagação se iniciou perguntando aos alunos em que bairro eles moram. A diversidade de respostas proporciona o reconhecimento da dispersão espacial dos alunos da turma e ainda permite que eles aprendam a diferenciar um bairro e uma região administrativa dentro da divisão oficial da PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS (2025).

Então, com cada aluno com sua foto em mãos, cada um teve a oportunidade de expor sua foto e explicar sua relação com aquele espaço, além de descrever onde está localizada, como era antigamente, e como está hoje. Na sequência, os alunos colaram as fotos na folha disponibilizada (Figura 1) para construir uma legenda para a representação da imagem, explicando o que ela representa e desenhando que elementos compõem a paisagem fotografada.

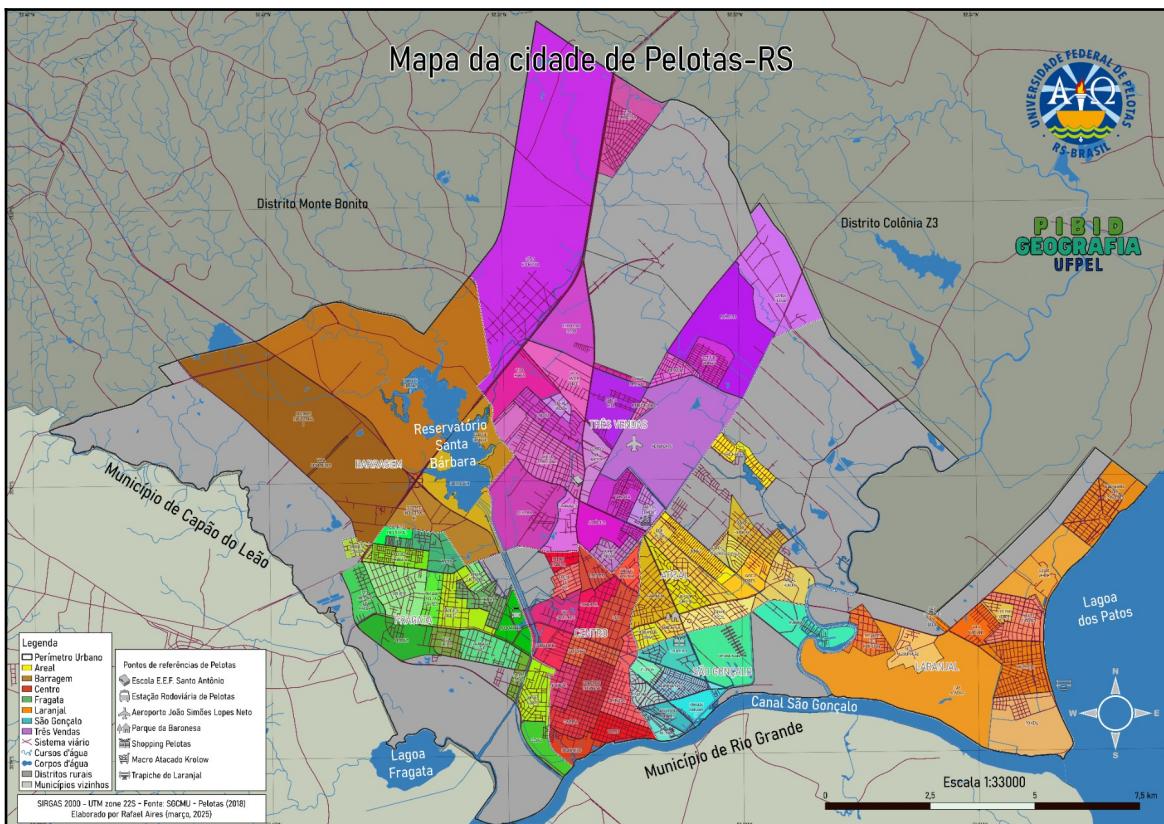
Figura 1 – Folha para construção da legenda.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA TURMA	
Cole aqui a foto	
LEGENDA	O QUE É NA FOTO?
	O QUE É ATUALMENTE?

Fonte: Os autores.

Por fim, puderam todos os alunos, coletivamente, colarem suas fotos no mapa, para espacializar os seus registros e ligar as suas fotografias ao lugar que elas remetem dentro da cidade de Pelotas, confeccionando, como resultado, um mapa da turma. O mapa das regiões administrativas da cidade de Pelotas-RS, ou ‘Mapa da cidade de Pelotas-RS’ (Figura 2) foi criado originalmente para a aplicação desta atividade. O mapa se utiliza de diferentes paletas de cores monocromáticas para explicitar a diferença entre os diferentes bairros presentes dentro cada região administrativa pelotense.

Figura 2 – Mapa das regiões administrativas e bairros de Pelotas.



Fonte: Os autores.

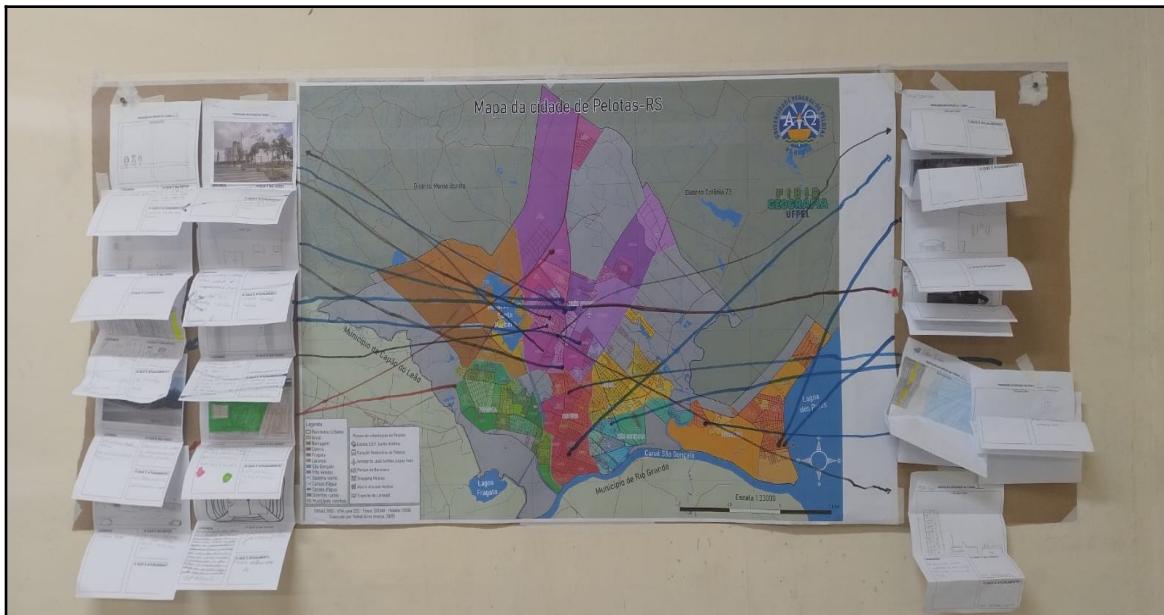
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, os resultados da atividade foram positivos. A proposta demonstrou ser eficaz em promover a participação dos alunos por meio da prática cartográfica conectada ao seu cotidiano. Apesar das diferenças no comportamento e na dinâmica entre as turmas, todos os grupos demonstraram interesse e participação, sobretudo quando puderam manusear mapas, recortar, colar e localizar seus próprios bairros. Em turmas mais agitadas, a metodologia ativa e os recursos visuais e interativos funcionaram como uma forma de concentração e inclusão pedagógica.

Também foram diversos e pessoais os relatos da percepção e pertencimento do espaço que os alunos habitam. As turmas trouxeram locais públicos que gostam de brincar, desenhar, se reunir, jogar esportes, andar de bicicleta, se banhar. Essa prática também vai ao encontro da perspectiva de que a Cartografia Escolar deve ser contextualizada, aproximando-se das realidades dos alunos e contribuindo para que estes se reconheçam nos espaços que ocupam.

A construção do mapa participativo (Figura 3) permitiu aos alunos visualizarem sua distribuição pelas regiões de Pelotas e conexão através da escola que todos se reúnem. Como pensa CALLAI (2023), revisitando seus bairros geográfica e cartograficamente os fez pensar tanto o lugar que ocupam, quanto o seu contexto cartográfico dentro do perímetro urbano de Pelotas.

Figura 3 – Mapa final de uma das turmas.



Fonte: Os autores.

Consideramos que a proposta, enquanto produto do PIBID, responde à importante crítica levantada por MENEZES e PEREIRA (2019) sobre a formação docente em Geografia, visto que, muitos professores chegam à sala de aula sem estratégias metodológicas para trabalhar mapas de forma significativa. O programa de iniciação permite espaço e tempo para a idealização e construção de materiais didáticos e atividades que nem sempre cabem no cotidiano do docente de escola pública.

O espaço geográfico não é um espaço neutro. Porém, ao mesmo tempo que estudamos grandes conflitos sociais e políticos do espaço, é interessante lembrarmos que o espaço também nos pertence e pertencemos ao espaço; tecemos relações também de afetividade e coletividade com o espaço que convivemos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLAI, H. C. Cartografia Escolar, uma linguagem da Geografia Escolar. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 43, 2023.
- LACOSTE, Y. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução: FRANÇA: M. C. Campinas: Papirus, 1988.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, SGCMU – Secretaria de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana. **GeoPelotas** – Portal de Informações Geográficas da Prefeitura Municipal de Pelotas. Pelotas: SGCMU, [2025] . Acesso em: 13 jan. 2025. Disponível em: <<https://geopelotas-pmpel.hub.arcgis.com/>>
- MENEZES. P. K., PEREIRA, B. M. O mapa como linguagem na formação inicial e continuada de professores de Geografia. In: MENEZES. P. K., PEREIRA, B. M., SARAGOSSA, A. P. (Orgs.) **Desafios da Cartografia Escolar no ensino de Geografia**. Anápolis: Editora UEG, 2019.